

Tecnologia: dominação e princípio de libertação em Herbert Marcuse

Technology: domination and principle of liberation in Herbert Marcuse

RENÊ IVO¹

Resumo: O objetivo desta pesquisa é apresentar o pensamento de Herbert Marcuse (1898-1979) sobre a organização e direção da tecnologia nas sociedades industriais avançadas. Este trabalho tem como objeto de estudo o progresso tecnológico como instrumento de dominação e princípio de libertação das classes oprimidas. Como referência principal, utilizamos a introdução do livro *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*, intitulada de “A paralisia da crítica: uma sociedade sem oposição” e propomos resolver o seguinte problema: como a tecnologia domina o sujeito histórico (classe trabalhadora) da revolução? Como pode ser um princípio de libertação desse sujeito? O resultado deste trabalho é que a tecnologia, nas sociedades industriais avançadas, manifesta seu poder de dominação sobre o agente da transformação através do aparato técnico de produção. Portanto, o aparelho produtivo, sob o controle da classe dominante, é instrumento de dominação, porém, sob a gestão da classe oprimida, organizado e direcionado para satisfazer suas necessidades, transformar-se-ia num princípio de liberdade.

Palavras-chave: Tecnologia. Dominação. Princípio de libertação.

Abstract: The research's objective is to present the thought of Herbert Marcuse (1898-1979) about the organization and direction of the technology in advanced industrial societies. The work has as object of study technological progress as instrument of domination and principle of liberation of the oppressed classes. As a main reference, we used the introduction of the book *One-dimensional man: studies of the ideology of advanced industrial society*, entitled “The paralysis of the criticism: unopposed society” and we propose solve the following problem: how technology dominates the historical subject (class working) of the revolution? How can it be a principle of liberation of this subject? The result of this work is that technology in advanced industrial societies, express its power of domination about the transformation agent through of the technical apparatus of production. Therefore, the productive apparatus, under the control of the oppressed class, is instrument of domination, however, under the management of the oppressed class, organized and directed to meet their needs, would become a principle of freedom.

Keywords: Technology. Domination. Principle of liberation.

Introdução

“A liberdade só pode ser pensada como a realização do que hoje ainda denominamos utopia.”

(Herbert Marcuse)

A tecnologia, cujo poder se manifesta através do desenvolvimento dos instrumentos de produção (maquinário), sempre recebeu a atenção da teoria crítica.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa “GP-Marcuse: atualidade do pensamento político de Herbert Marcuse”. E-mail: reneivo@hotmail.com

Marx, ainda no século XIX, percebeu e compreendeu as consequências da introdução de novas máquinas e do aperfeiçoamento desses instrumentos para o processo de trabalho. Ele “previu” que o contínuo desenvolvimento do progresso técnico poderia resultar na própria ruína da sociedade capitalista. O século XIX cederia lugar ao século XX e a “previsão” permanecera por se confirmar, mas nem por isso a teoria crítica fora relegada ao esquecimento e caiu em “descrença”. Pelo contrário, fora apreendida com vigor e ampliada consideravelmente pela teoria social da nova época, que também dera sua parcela de atenção e contribuição às questões relacionadas ao progresso técnico².

Segundo Marcuse, as pesquisas, os estudos e as novas descobertas nos ramos tecnológicos possibilitaram a dominação do meio social e natural e, com isso, a sociedade estabelecida pôde aprimorar ainda mais a capacidade produtiva do seu aparato técnico de produção e distribuição de mercadorias. Para esse filósofo, tal aparato chegou ao nível em que pode acabar com a miséria material, liberar os indivíduos do trabalho penoso (labuta) e deixá-los livres para desenvolver suas próprias potencialidades, mas esse aparato está organizado e orientado para satisfazer os interesses da classe dominante: gerar lucro.

O objetivo geral deste artigo é compreender o pensamento de Marcuse acerca da organização da tecnologia e resolver o seguinte problema: como o progresso tecnológico domina o sujeito histórico (classe trabalhadora) da revolução? E como pode ser um princípio de libertação desse sujeito? Para fundamentar o objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos: 1) compreender o significado de tecnologia, quais são e como se manifestam alguns dos modos de dominação exercidos por ela; 2) expor como funciona os meios de produção estabelecidos; 3) apresentar a atual organização, direção e estágio da tecnologia e 4) apresentar uma nova organização e direção da tecnologia.

A **justificativa** que nos levou a desenvolver esta pesquisa está na preocupação com a organização do progresso tecnológico, este causa mais danos do que benefícios, isola as pessoas e destrói a natureza. É sabido que alcançara muitas conquistas, mas a destruição dos seres humanos e do seu ambiente ultrapassa em muito tais conquistas. Assim, a preocupação com a tecnologia é, ao mesmo tempo, preocupação com a humanidade.

No primeiro item é feita a exposição do que Marcuse compreende por tecnologia e de alguns dos seus modos de dominação, eles se apresentam na compra de produtos supérfluos, na produção de artigos para a guerra e na imposição do modo de vida existente nas sociedades industriais avançadas às civilizações subdesenvolvidas. No segundo item é realizada a apresentação de como o aparato de produção determina a organização da civilização e como esta determina a organização daquele. No terceiro item é demonstrado em que sentido a tecnologia está direcionada para garantir os interesses da classe opressora e, por fim, no quarto item é apresentado como uma nova organização do progresso tecnológico pode servir de princípio de superação da sociedade estabelecida.

A conclusão a que chegamos é que a tecnologia, nas sociedades capitalistas-

² Neste artigo, os termos “tecnologia”, “técnica”, “progresso tecnológico” e “progresso técnico” são tratados como sinônimos.

monopolistas, está sob o controle da classe dominante e, dessa maneira, serve como instrumento de dominação, porém, sob a gestão da classe oprimida, organizado e direcionado para satisfazer suas necessidades, transformar-se-ia num princípio de liberdade.

1 A tecnologia

Entre o final do século XIX e início do século XX o sistema capitalista passa por uma transformação decisiva, encerra-se o estágio econômico de livre concorrência e começa uma nova fase, a dos “monopólios capitalistas”³. As relações sociais vigentes desse novo momento da sociedade capitalística também se alteram, as relações de produção, o modo de produção, a distribuição das mercadorias e até as formas de proteger e perpetuar o sistema existente se aperfeiçoam. O desenvolvimento da tecnologia é uma das principais distinções dessa civilização e foi fundamental para o surgimento das novas relações sociais.

A tecnologia manifesta seu poder através dos meios de produção, a invenção de novas máquinas e o aperfeiçoamento do maquinário existente são alguns dos principais produtos do progresso tecnológico. No ensaio “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” Marcuse “não distingue tecnologia e produção de máquinas; ele pressupõe que o desenvolvimento tecnológico implica de modo geral a construção de máquinas, (...)” (SILVA, 2013, p. 62). O maquinário existente no interior das indústrias, operado pelos trabalhadores, produz os mais diversos artigos para as mais diversas utilidades, produz objetos que atendam as necessidades materiais e espirituais.

O sistema mecânico é um dos produtos mais importantes da tecnologia porque é a partir dele que são produzidos os artigos que mantem a vida e a sociedade, o maquinário proporciona um melhor cultivo dos alimentos, produz os objetos necessários para a construção de habitações, cria vestuários mais consistentes. Além disso, também produz os artigos de luxo que ultrapassam a manutenção da vida, produtos supérfluos que transcendem a dimensão das necessidades básicas (automóveis, aparelhos *Wi-Fi*, etc.) Da mesma forma que o progresso técnico cria os artigos para a perpetuação confortável da existência, também os cria para a sua destruição (da vida), a indústria bélica é o exemplo mais expressivo. Portanto, a tecnologia contém um duplo caráter, pode ser compreendida numa dupla perspectiva.

Os instrumentos de produção podem servir para produzir melhores condições de vida para toda a população, mas também podem ser utilizados para explorar e tornar ainda mais difícil a vida da classe trabalhadora. Numa sociedade em que os instrumentos de produção são propriedade privada das classes dominantes prevalece a “mais-repressão” dos oprimidos, o progresso técnico cria máquinas para produzir

³ “O imperialismo surgiu como desenvolvimento e sequência direta das propriedades essenciais do capitalismo em geral. Simplesmente, o capitalismo só se transformou no imperialismo capitalista num dado momento, muito elevado, do seu desenvolvimento, quando certas características fundamentais do capitalismo começaram a se transformar nos seus contrários, quando se formaram e se revelaram plenamente os traços de uma época de transição do capitalismo para um regime econômico e social superior. O que, sob o ponto de vista econômico, existe de essencial neste processo é a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas” (LÊNIN, 1987, p. 87).

artigos lucrativos, que assegurem as posições de privilégio das classes opressoras. A mecanização do trabalho exaustivo (labuta) substitui a força de trabalho humana e a torna ainda mais cansativa, pois agora o trabalhador tem de seguir um ritmo mais veloz imposto pela máquina. Essas algumas das consequências da organização tecnológica no novo estágio do sistema capitalista.

Esse novo estágio do sistema capitalista Marcuse conceitua de “sociedade unidimensional”, uma sociedade fechada que “organiza a dinâmica de suas contradições em meio a oposições administradas” (CARNEIRO, 2014, p. 219). Essa civilização tenta administrar toda contestação ao seu projeto de sociabilidade, tenta dominar toda oposição ao seu modo de organizar as relações de produção e tenta controlar toda negação do estado de coisas estabelecido. A comunidade predominante não aceita um novo princípio de realidade no qual as pessoas possam gozar e fruir da beleza que há na vida.

Para conter as possibilidades de alcançar uma sociedade em que os indivíduos estejam liberados do trabalho exaustivo (labuta), uma civilização na qual possam utilizar o tempo livre para satisfazer suas próprias necessidades e desenvolver suas próprias potencialidades, a realidade existente precisa criar novas formas de controle. Estas se expressam através da tecnologia que, por sua vez, se manifesta por meio do “aparato técnico de produção”. Este, na comunidade prevalecente está organizado e direcionado para garantir os interesses da classe dominante, isto é, o lucro. Marcuse observa que

As capacidades (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores que jamais foram – o que significa que o escopo da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que antes. Nossa sociedade se distingue pela conquista das forças sociais dissidentes mais precisamente pela Tecnologia do que pelo Terror, sobre a dupla base de uma eficiência esmagadora e de um crescente padrão de vida (MARCUSE, 2015, p. 32).

1.1 Manifestações da dominação tecnológica

Os produtos supérfluos proporcionados pelo desenvolvimento do aparelho de produção parecem tornar a existência (*Dasein*) confortável. Dessa maneira, o modo de vida do *status quo* parece racional, livre e feliz porque, aparentemente, ele é capaz de sanar todas as carências. Quando a sensação de felicidade prevalece sobre a miséria estabelecida, cuja evidência se manifesta na labuta, na “mais-repressão” (exploração) etc., isso quer dizer que a necessidade da transformação social está sendo reduzida. Aqui é descoberto um dos principais objetivos da tecnologia: reduzir ao mínimo a necessidade da mudança social.

De acordo com Marcuse “a sociedade afluenta depende cada vez mais da ininterrupta produção e consumo do supérfluo (...)” (MARCUSE, 2015, p. 12), por meio da ampliação dos artigos de luxo e acesso dos explorados a esses bens de consumo a dominação torna-se imperceptível e até prazerosa. O poder de comprar mercadorias e utilizar serviços aconchegantes é uma forma de controle social desenvolvida pelo progresso técnico, possuir automóveis, roupas e aparelhos *Wi-Fi* da

“moda” parece uma necessidade. Ao consumir esses produtos os indivíduos parecem efetivar sua liberdade, sua autonomia.

A dominação do progresso técnico não se restringe ao poder de compra, também se apresenta através do aperfeiçoamento dos instrumentos e equipamentos de repressão utilizados pelas autoridades de defesa do *establishment* (polícia, exército, etc.) Armas mais potentes, de longo alcance, capazes de causar danos físicos e mentais são produzidas nas indústrias bélicas; estratégias mais eficazes de combate às manifestações de rua são estudadas e treinadas nos quartéis militares.

Outra forma de dominação exercida pela técnica/tecnologia é a imposição do modo de vida existente nas sociedades industriais avançadas às nações subdesenvolvidas e aos países do Terceiro Mundo. “A sociedade fechada sobre o interior se abre até o exterior mediante a expansão econômica, política e militar” (MARCUSE, 1993, p. 8, tradução nossa.). O desenvolvimento técnico – principalmente por meio do aparato bélico – impõe a dominação através das guerras neocoloniais, da exploração do homem e destruição da natureza.

2 O aparato produtivo estabelecido

A produção, distribuição e consumo dos objetos e serviços supérfluos, dos artefatos de destruição, são algumas das principais distinções da civilização contemporânea, essa característica tornou-se um dos pilares do sistema de capitalismo tardio. É uma das bases de sustentação dessa sociedade porque fornece o “princípio em torno do qual tudo gira – o lucro” (LOUREIRO, 2015, p. 15).

A importância do aparato técnico produtivo no processo de produção das coisas e serviços de luxo e mesmo dos desempenhos necessários ao seu próprio desenvolvimento é vital, o modo de funcionamento desse aparato depende do crescimento da civilização posta. Ele produz e distribui os produtos de acordo com as aspirações que sustentam o *establishment*, assim, o aparelho de produção determina “as necessidades e aspirações individuais” (MARCUSE, 2015, p. 36).

Da mesma forma, a sociedade posta determina os objetos que devem ser produzidos e a forma que devem ser distribuídos, a produção dos produtos precisa concordar com as ideias e os interesses dos grupos particulares que controlam e organizam as relações sociais. O sistema impõe as regras de produção, quer dizer, dita a qualidade das mercadorias, seu tempo de duração (obsolescência planejada) e o tipo de classe social que pode e deve comprar determinado bem de consumo e utilizar determinado serviço.

[...] o aparato técnico de produção e distribuição (com um crescente setor de automação) funciona não como a soma total de meros instrumentos que podem ser isolados dos seus efeitos sociais e políticos, mas antes como um sistema que determina *a priori* o produto do aparato assim como as operações para servi-lo e ampliá-lo (MARCUSE, 2015, p. 36).

A dominação do aparelho de produção e distribuição sobre a sociedade se estende até os desempenhos profissionais e se manifesta por meio dos tipos de operação exigidos para o funcionamento do aparato produtivo. Tanto a invenção

quanto a utilização dos instrumentos requer determinado nível de conhecimento superior (acadêmico) ou especialização técnica. O *status quo* financia e mantém um padrão de pesquisas e estudos reservados para seus próprios fins. O sistema investe caro e promete elevada remuneração aqueles que se dedicam aos empregos e estudos nesses ramos do conhecimento.

A lógica da organização dos instrumentos de produção é o da administração total das relações sociais, públicas ou privadas, “o aparato produtivo tende a se tornar totalitário” (MARCUSE, 2015, p. 36) porque impõe uma disciplina severa às pessoas. Essa disciplina é a imposição da ordem da classe opressora, que destrói as tentativas de satisfazer as necessidades e desenvolver livremente as potencialidades de todos os indivíduos.

É confirmada a tese de que “A tecnologia serve para instituir novas formas, mais efetivas e prazerosas, de controle e coesão social” (MARCUSE, 2015, p. 36). Essa forma de dominação é uma das grandes conquistas do capitalismo tardio, os explorados não percebem que são utilizados como meios para determinado fim, o que percebem é a aparência da felicidade gerada pelos confortos. A sensação de tranquilidade prevalece e as classes que no passado tinham interesses antagonicos se unificam e cooperam para o bom funcionamento da realidade vigente.

O progresso técnico estabiliza e amplia a dominação, o resultado desse aprimoramento cria “similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do comunismo” (MARCUSE, 2015, p. 36). A “promessa de felicidade” e liberdade que a nova ordem da vida (o comunismo) uma vez trouxera parece está sendo alcançada, visto que as pessoas se sentem felizes em compartilhar do modelo de felicidade posto: a compra de bens de consumo supérfluos. A noção da verdadeira felicidade acaba não sendo identificada diante da falsa reconciliação das contradições existentes na comunidade prevalecente.

A verdadeira liberdade e felicidade (*Glückseligkeit*) não consiste em consumir objetos que servem a manutenção da ideologia da civilização industrial dada, nem em destruir todas as conquistas alcançadas pelos avanços da tecnologia, nem muito menos regredir a um nível social menos desenvolvido da história da humanidade. O problema é que o modo de felicidade da sociedade de consumo, desenvolvida com a ajuda do aprimoramento da tecnologia, impede que os explorados conheçam e satisfaçam suas próprias necessidades, cria obstáculos para atrofiar a construção das suas verdadeiras capacidades.

De acordo com Maar, no sistema capitalista presente, o significado real da felicidade, “a essência, a substância da felicidade aparece como forma abstrata, satisfação vinculada a coisas: bens de cultura, bens de prazer comparados como mercadorias” (MAAR, 2006, p. 27). Um tipo de felicidade que está separada do todo social, que não se importa se todas as pessoas têm condições econômicas de comprar a vida feliz, que não se interessa se uma minoria cada vez mais crescente da população ainda vive na miséria ou se a maioria tem de exercer uma atividade exaustiva e degradante. Felicidade que, para suportar a exploração da existência objetiva se volta unicamente para o indivíduo e se torna exclusivamente interior, isolada.

As características de uma sociedade livre e racional, na qual a felicidade possa

ser fruída por todos os seres humanos, poderão ser percebidas quando os indivíduos desenvolverem novas relações sociais, qualitativamente diferentes, com eles próprios e com o mundo que os cerca. Seria um tanto arriscado, e talvez até irresponsável, definir previamente quais seriam essas relações, porém, julgamos que seja tarefa da teoria crítica mostrar as contradições da sociedade existente e, ao mesmo tempo, apontar as perspectivas de superação desse modo de organização da civilização.

O fim da luta entre dominantes e dominados, dos conflitos entre os próprios indivíduos, a satisfação das carências, o livre aprimoramento das potencialidades humanas, o fim da exploração do homem e da natureza e a unidade entre gênero e espécie são algumas das relações que caracterizariam um novo princípio de realidade. Determinar, de modo especulativo, sobre tais relações, é parte da teoria social, o próprio Marcuse, observa Kellner, “sublinha que o que é seja constantemente comparado com o que poderia ser: um modo mais livre e feliz de existência humana” (KELLNER, 2015, p. 9).

Portanto, o aperfeiçoamento técnico está voltado para a manutenção do projeto da classe dominante, ele consiste em perpetuar inalterado o estado de coisas vigente, esse plano tem como objetivo impor a mais-repressão para garantir lucro e posição privilegiada. Sob o controle dos opressores, a tecnologia serve como instrumento de dominação de classe, luta contra a oposição em duas frentes: 1) na frente de prazer, que utiliza o consumo para absorver as forças de contestação e 2) na frente do “terror”, que faz uso da violência para eliminar os grupos inconformados. Escreve o filósofo:

O progresso técnico, estendido a um sistema total de dominação e coordenação, cria formas de vida (e de poder) que parecem reconciliar as forças que se opõem ao sistema e derrotar ou refutar todo protesto em nome das perspectivas históricas de libertação do trabalho árduo e da dominação (MARCUSE, 2015, p. 33).

3 A atual organização, direção e estágio da tecnologia

A causa de a escassez material e a labuta ainda fazerem parte da vida de uma parcela da população está na organização e direção dos meios de produção, do progresso técnico. Esses meios são produtos da atividade racional e da práxis humana e tem o intuito de ajudar a prolongar a vida dos homens e mulheres da maneira mais racional, livre e feliz possível, no entanto, não é o que tem acontecido. Na sociedade prevaiente, a tecnologia está a serviço da classe dominante, que determina os hábitos, os costumes e as leis que regulam e organizam a sociedade vigente.

A atual organização e direção do avanço da tecnologia não tem interesse em satisfazer as carências humanas porque a solução desse problema não contribui para estabilizar a situação de “paralisia da crítica” predominante numa “sociedade sem oposição”. Essa situação é a de que o progresso técnico milita contra a necessidade da revolução social, contra a ameaça do “espectro” “de abolição da pobreza e miséria para além de todas as fronteiras nacionais e esferas de interesse” (MARCUSE, 1977, p. 12).

Não se trata aqui de uma aversão à tecnologia por parte de Marcuse, pelo contrário, ele “considera que só atingido um determinado nível de avanço técnico e científico o real poderá ser racional” (KANGUSSU, 2008, p. 12). A questão que se levanta é justamente saber se esse nível já foi alcançado e a serviço de quem e do quê

o progresso técnico está organizado e direcionado, em outras palavras, quais são e de que classe são os interesses que a tecnologia busca realizar. Para dar respostas a essas indagações primeiro é preciso estabelecer critérios que possam determinar em que sentido àquele progresso atingiu o estágio no qual a objetividade pode tornar-se racional.

Um dos critérios é a satisfação das necessidades vitais: alimentação, vestuário e moradia. O modo de produção capitalista alcançou o nível no qual sua perpetuação depende do “constante aumento da massa de bens e serviços supérfluos e santuários que estão *além* de necessidades materiais vitais” (MARCUSE, 1973, p. 27). Isso significa que o sistema é capaz de satisfazer todas as carências materiais porque ultrapassou o estágio da produção de produtos necessários à manutenção da existência.

Outro critério seria o da “automação”, nos países mais ricos, onde o processo de industrialização foi consumado, a força de trabalho humana declina. Os homens são substituídos por máquinas, estas podem fazer a tarefa dos trabalhadores e executar a maior parte das atividades durante o tempo de trabalho, tornando menos necessários os desempenhos humanos. O resultado desse processo seria que os indivíduos estariam liberados da labuta, ou pelo menos “o tempo de trabalho necessário seria reduzido a um tempo básico” (AQUINO, 2014, p. 296).

Para Marcuse, racional é o fim da miséria e da labuta, é a vitória da vida sobre a morte, sobre as forças de destruição da existência, dessa maneira, os critérios demonstrados podem indicar que a tecnologia alcançara o estágio de desenvolvimento necessário para tornar a realidade (*Wirklichkeit*) racional. No seu estágio atual, o progresso técnico pode acabar com as tendências que perpetuam a irracionalidade das relações sociais predominantes que destrói o existir dos homens e mulheres dominados. A satisfação das necessidades e a liberação da labuta são os indícios de uma civilização razoável.

São indícios de racionalidade na medida em que constituem pré-condição de uma vida qualitativamente superior, quando as carências vitais forem sanadas e os indivíduos forem dispensados do trabalho penoso, poderão iniciar o processo de construção da sua autonomia, poderão criar as capacidades para autogovernar-se. Isto significa que poderão construir suas próprias necessidades, estas ultrapassariam as necessidades de reprodução da existência e o seu conteúdo seria totalmente diferente. Liberados da labuta, suas vidas seriam tempo livre para criar e imaginar novas formas de sentir e pensar a vida.

Quando os homens e mulheres não forem mais compelidos a ganhar a vida, poderão fazer do ócio um momento para a construção de suas próprias potencialidades, ou seja, a “capacidade imaginativa de projetar um futuro melhor e de compreender e apreciar as qualidades da natureza que aperfeiçoam a vida” (FEENBERG, 2012, p. 148). Aos poucos a agressividade cederia lugar ao Eros, a guerra à paz, o conflito à solidariedade, a “feiura” à contemplação, fruição e gozo da beleza que há na existência. Para tanto, Marcuse indica como princípio de mudança, uma nova organização e direção da tecnologia.

4 Nova organização e direção da tecnologia

Visto que o progresso técnico está a serviço da classe opressora, Marcuse insiste na ideia de reorganização e redirecionamento do aparelho de produção e percebe neste novo modo de organizar as forças produtivas uma possibilidade de transcendência⁴ da ordem estabelecida. Porém, antes de caracterizar como se manifestaria essa possibilidade, é essencial expor o significado de “progresso” apresentado por àquele filósofo e indicar alguns dos resultados alcançados e dos que poderiam ser alcançados por tal progresso. Em uma conferência de 1968, *A noção de progresso à luz da psicanálise*, Marcuse afirma:

Começarei definindo os dois tipos fundamentais do conceito de progresso que caracterizam o período moderno da civilização ocidental. De acordo com um deles, o progresso é definido sobretudo quantitativamente, evitando-se dar ao conceito qualquer valoração positiva. Aqui entende-se por progresso que, no curso do desenvolvimento da civilização, [...] aumentaram os conhecimentos e as capacidades humanas em seu conjunto (MARCUSE, 2001, p. 99).

Os avanços nas pesquisas, nos estudos e nas descobertas nos ramos técnico-científicos proporcionaram conquistas inimagináveis, a ampla dominação da natureza e do meio humano são exemplos do estágio alcançado pelo progresso da ciência e da tecnologia. O aprimoramento dos meios de comunicação e dos transportes, o acesso à informação, a intensa produção de artigos e serviços de luxo e o elevado padrão de vida, enfim, o aumento da riqueza social é produto do aperfeiçoamento daquele progresso. A essa forma de progresso quantitativo Marcuse denomina de “progresso técnico”.

Esse progresso tem um papel fundamental no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida, ele possibilita que os produtos, principalmente os que servem às necessidades vitais, sejam produzidos e distribuídos de forma a acabar com a pobreza. A quantidade é um momento da qualidade, esta pressupõe àquela, no entanto, nas sociedades capitalistas-monopolistas a quantidade é um fim em si mesmo, e não um meio para atingir a qualidade. Desse modo, a quantidade serve à acumulação e não à distribuição racional da riqueza.

Essa quantidade acumuladora é a que explora o homem e a natureza até a destruição; é a que produz coisas com o intuito de concentrar riqueza (dinheiro) nas mãos de uma minoria dominadora, em outras palavras, é a produtividade pela produtividade. Numa civilização em que o valor de troca sobrepõe-se sobre o valor de uso, o importante não é a qualidade da vida dos seres humanos, mas sim o lucro que eles podem proporcionar através de seus corpos e mentes. Entretanto, como alternativa de superação da forma atual de organização e direção do progresso técnico Marcuse opõe o conceito de “progresso humanitário (*Humanitüren*)”.

⁴ Na introdução do seu livro *O homem unidimensional* Marcuse observa que “Os termos ‘transcendente’ e ‘transcendência’ são usados no sentido totalmente empírico e crítico: eles designam tendências na teoria e na prática que, em uma sociedade dada, ‘ultrapassam’ o universo estabelecido do discurso e da ação na direção de suas alternativas históricas (possibilidades reais)” (MARCUSE, 2015, p. 33).

Esse progresso “consiste na realização da *liberdade* humana, da moralidade: um número cada vez maior de seres humanos torna-se livre e a própria consciência da liberdade incita a uma ampliação do âmbito da liberdade” (MARCUSE, 2001, p. 100). Se o conceito quantitativo de progresso se organizar e se direcionar com vistas a efetivar o conceito qualitativo de progresso, quer dizer, se o progresso técnico deixar de ser um fim em si mesmo e tornar-se meio para o progresso humanitário, as relações de opressão poderiam desaparecer. O valor de uso e não mais o valor de troca seria o regulador das relações sociais.

Um dos resultados do progresso humanitário “consiste na humanização progressiva dos homens, no desaparecimento da escravidão, do arbítrio, da opressão e do sofrimento” (MARCUSE, 2001, p. 100). Portanto, o conceito quantitativo de progresso, que está conectado ao conceito qualitativo, posto a serviço dos interesses dos oprimidos, poderia abolir a miséria que ainda resta e reduzir ao mínimo o tempo de trabalho penoso, possibilitaria o surgimento de um novo princípio de realidade. Neste, a vida não seria mais-repressão para a labuta e lazer para recomposição de energia, mas seria prazer, gozo e fruição.

Para que a quantidade se torne qualidade é preciso que a classe trabalhadora se reconheça como sujeito histórico da transformação, que sua consciência revolucionária seja reativada. Isto só pode acontecer quando o caráter destruidor do *establishment* for descoberto e introjetado na mente do agente revolucionário. Marcuse afirma que a tarefa de conscientização desse agente está a cargo dos “catalisadores⁵” sociais que, em conjunto com àquele sujeito poderia orientar o progresso técnico rumo ao progresso humanitário.

5 Conclusão

Portanto, a tecnologia, que na sociedade industrial avançada está organizada e direcionada para garantir lucro às classes opressoras manifesta seu poder de dominação sobre os seres humanos e a natureza através do aparato técnico de produção. Este, ao mesmo tempo que produz e distribui os produtos supérfluos que tornam a vida confortável, também produz e distribui os artefatos que destroem a vida. Os artigos de luxo, ao tornarem a existência agradável alteram a aparência do estado de coisas vigente, este processo atrofia a percepção e compreensão das contradições da sociedade existente e reduz a necessidade da revolução, pois o *status quo* parece racional, livre e feliz.

No entanto, a tecnologia pode ser um princípio de libertação na medida em que o sujeito histórico da transformação (classe trabalhadora) der uma nova orientação para o progresso técnico, este deixaria de ser apenas quantitativo, produtividade pela

⁵ São tendências que podem romper a consciência integrada das classes trabalhadoras nas sociedades unidimensionais, grupos sociais quantitativamente menores de oposição à sociedade estabelecida, que percebem e compreendem as contradições da civilização existente. Esses setores podem desintegrar àquela consciência porque incentivam o ressurgimento da contestação radical, isto é, estimulam o ressurgimento da consciência e *práxis* revolucionária das forças de oposição quantitativamente maiores (classe trabalhadora). Para Marcuse, durante as décadas de 60 e 70, essas tendências eram os movimentos de libertação nacional, as “novas estratégias” dos trabalhadores na Europa, os setores desprivilegiados da sociedade estabelecida, a *intelligentsia* contestadora e “os movimentos de contestação nos países soviéticos (como na ex-Tchecoslováquia)” (CARNEIRO, 2015, p. 222).

produtividade. Passaria a servir os interesses dos oprimidos, o progresso técnico quantitativo se tornaria progresso humanitário qualitativo, sua tarefa consistiria na satisfação das necessidades vitais e no livre desenvolvimento das potencialidades humanas. Enfim, sob o princípio qualitativo de progresso a dominação cederia lugar à libertação.

Referências bibliográficas

AQUINO, J. K. S. “Uma redefinição de progresso e a reconciliação do homem e natureza nas imagens órfico-narcisistas em Marcuse”. In: *Revista Expressão Católica*. Quixadá, v. 3, n. 1, 2014, pp. 286-299 Disponível em: http://revistaexpressao-catolica.fcrs.edu.br/wpcontent/uploads/artigos/2014/v3n1/ART_19.pdf Acesso em: 08 jul. 2016.

CARNEIRO, S. R. G. Resenha. Collected papers of Herbert Marcuse, (Marxism, revolution, and utopia) *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. São Paulo: n. 25, p. 212-225, 2014.

KANGUSSU, I. *Leis da liberdade: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse*. São Paulo: Loyola, 2008.

KELLNER, D. Introdução à 2ª edição. In: MARCUSE, H. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

LÊNIN, V. I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Tradução de Olinto Beckermam. 4. ed. São Paulo: Global, 1987.

LOUREIRO, I. “Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação”. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 28, n. 2, 2005, pp. 7-20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29411.pdf> Acesso em: 08 jul. 2016.

MAAR, W. L. “Marcuse: em busca de uma ética materialista”. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade: volume I*. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro e Robespierre de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.

_____. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015b.

_____. “A noção de progresso à luz da psicanálise”. In: MARCUSE, H. *Cultura e psicanálise*. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro e Robespierre de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 99-123.

_____. “Prefacio a la edición francesa”. In: MARCUSE, Herbert. *El hombre unidimensional: ensayo sobre la ideología de la sociedad industrial avanzada*. Traducción del Antonio Elorza. Barcelona: Planeta-De Agostini, 1993.

_____. *Um ensaio sobre a libertação*. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

_____. *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar

Editores, 1973.

SILVA, R. C. “Tecnologia e progresso: dois pontos de vista da teoria crítica”. In: *Pensando – Revista de Filosofia*. Piauí, v. 4, n. 7, 2013, pp. 55-69. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/1447/1072> Acesso em: 29 ago. 2016.

VVAA. *Caderno de Textos*. In: Congresso Internacional Fantasia & Crítica. Ouro Preto, MG. Belo Horizonte: ABRE, 2012.

Submissão: 01.10.2016 / Aceite: 10.11.2016